



III.º CONGRESSO DAS ESCOLAS - Encerramento

Exmo. Sr. Secretário de Estado da Educação

Exmos. Senhores Convidados

Exmos. Colegas Responsáveis pelas associações Promotoras do Congresso.

Exmos. Colegas aqui presentes

Caríssimos Colegas professores

Damos hoje por encerrado o III.º Congresso das Escolas. Desta vez realizada fora de Lisboa, na nobre cidade de Braga, uma das mais antigas cidades da Europa, mas também uma das cidades com a população mais jovem. Cidade educadora. Cidade vibrante. Mais de quatrocentas pessoas estiveram envolvidas na discussão da pedagogia das escolas. Afinal o tema que se repete desde o I.º Congresso. Sinal de que continuamos focados no essencial. A pedagogia como estratégia de sucesso, para o sucesso!

Esta é uma organização que congrega a escola pública, a escola particular e a escola profissional. E esse carácter único traduz, numa sociedade cada vez mais complexa e dinâmica o entendimento de que a educação, bem mais do que um direito fundamental, é um valor que exige o compromisso de todos os atores.

Durante um dia e meio tentamos ser capazes de agitar e alertar os que aqui estiveram para a urgência dos múltiplos desafios que nos inquietam. A educação é o grande motor que pode acelerar o desenvolvimento do país. Por isso, todos somos convocados e por essa razão aqui estamos todos, independentemente de opções ou convicções.

Durante um dia e meio trocamos ideias, convivemos, mas em nenhuma circunstância foi possível deixar de ter presente nas nossas mentes o momento difícil que a escola pública atravessa. As reivindicações da escola pública.

As reivindicações dos profissionais de educação, as muitas polémicas instaladas na nossa sociedade, e a demora e o adiamento persistente de respostas substantivas por parte da tutela.

Não foi possível deixar de ter isso presente no nosso pensamento até porque, **e permitam-me a metáfora, quando as estradas têm muito mau piso, para além do desgaste das máquinas e do desconforto de quem as conduz, sempre se atrasa a chegada ao destino.**

A verdade é que há já muito que os profissionais de educação vêm dando sinais claros de um enorme desconforto seja ele pessoal, profissional ou institucional. Esses sinais sempre foram claros, mas não mereceram a atenção devida por parte de sucessivos governos.

Por uma ou outra razão as soluções foram sendo ou adiadas ou desvalorizadas. Entretanto o piso, da estrada de que vos falei, deteriorou-se substancialmente... O resto, todos sabemos!

À escola pública tem sido, de forma continuada, imposto um desmerecimento por parte da tutela, apesar de sucessivos discursos de valorização, autonomia e responsabilização. Sobrecarregaram-na, tantas vezes de forma redundante, com tarefas burocráticas e administrativas.

Retiraram-lhe competências e limitaram a sua capacidade financeira. Aos docentes, neste quadro, foi aplicada uma desqualificação através de limites artificiais ao desenvolvimento da carreira, da amputação de tempo de serviço prestado e de continuadas desvalorizações salariais. Paralelamente e com um modelo de municipalização não negociado com as escolas, espartilharam-se competências, pondo em causa princípios fundamentais como a equidade ou a igualdade.

Aqui chegados, questionamo-nos.

Como foi possível? Podemos ainda emendar o caminho? Podemos ainda reparar este edifício que ameaça ruir?

Neste congresso, temos estado a questionar o futuro e aquilo que dele queremos. Falamos de coisas simples. Muito simples. Educar e qualificar. Todos.

Com o objetivo de se construir uma formação sólida e qualificada e, sobretudo, como compromisso para com a causa pública. Não perdendo de vista a concretização dos valores essenciais e da boa gestão do desafio comum: a educação e a escola.

Neste congresso, concluímos que é necessário, para dar resposta a uma sociedade cada vez mais exigente, que os alunos tenham mais competências e mais capacidades. Que valorizem mais o trabalho. Que sejam mais exigentes. Que comuniquem mais. Porque o presente nos diz que a sociedade está mais complexa porque agitada por mudanças constantes.

Também nos diz que os novos desafios implicam mais preparação e mais competências. Dirigir e representar esta sociedade impõe uma educação e uma escola que não facilita e se abra, de forma proativa, aos desafios que lhe são constantemente colocados.

E esta exigência leva-nos, de novo, ao elefante no meio da sala. Podem os professores não ser parte da solução?

É que não se percebe, perante um enormíssimo problema de falta de docentes e de pessoas interessadas na docência, que a tutela se perca apenas numa revisão do modelo de recrutamento e se alheie das causas dum mal-estar tão evidente que desaguou em sucessivas levadas de professores, ao fim de semana, nas ruas de Lisboa...

Não estamos aqui a fazer política corporativa, mas enquanto representantes duma Associação de Dirigentes da Escola Pública não podemos alhear-nos deste problema.

Nos últimos tempos, a indignação dos professores e a contestação às políticas do Ministério da Educação cresceu enormemente afetando negativamente as escolas e os alunos. Sentimos os profissionais de educação muito desconfortáveis, exaustos e insatisfeitos. Até indignados. **É que conduzir nesta estrada em que o piso está cada dia mais degradado, cansa. Desmotiva e retarda.**

Os profissionais de educação precisam de tranquilidade. Precisam de se sentir valorizados. Precisam de sentir o respeito por parte de quem os governa. Precisam que às palavras de apreço, tantas vezes vãs, se associem gestos substantivos.

O trabalho docente é complexo, mais ainda num tempo em que as distrações tanto influenciam o querer das crianças e jovens. Por isso é fundamental estar motivado. É fundamental acreditar. É preciso ser professor por inteiro.

É preciso, e voltando à metáfora, ter vias com bom piso onde seja possível conduzir com segurança e chegar no tempo justo. Sem desconforto e com menos desgaste.

Este congresso é um tempo de reflexão. É um espaço para contribuir para a melhoria da explosiva situação que experimentamos na escola pública. É o local para desafiar o Ministério da Educação a falar para dentro das Escolas. De falar para os Professores.

É tempo para desafiar o Ministério da Educação a clarificar intenções e tomar opções que valorizem o desempenho profissional docente e reconheçam o incontornável contributo da classe para a formação de jovens e para o desenvolvimento do país.

A evolução do país nos últimos quarenta anos é visível e motivo de muito orgulho. Temos um sistema educativo que muito nos deve orgulhar. É claro que os profissionais de educação tiveram e têm um papel fundamental nesse sucesso. O país deve reconhecer isso e fazê-lo de forma a valorizar socialmente os profissionais de educação.

Recentemente o Sr. ministro da Educação manifestou abertura para iniciar uma negociação sobre as matérias que constituem o maior foco de atrito com os docentes: a abolição das vagas para progressão e a contagem integral do tempo de serviço prestado pelos professores. E abriu "uma janela" (expressão do Senhor Presidente da República) mais do que justa, embora curta, para a solução que todos ansiamos.

A realidade impôs-se e o Governo não pode deixar de ver. Mas é urgente conhecer as medidas. Os adiamentos apenas agravam este contexto de afastamento entre a tutela e os



ASSOCIAÇÃO NACIONAL
de DIRIGENTES ESCOLARES

profissionais de educação.

Sentimo-nos desafiados e apresentamos nos últimos dias o nosso contributo. Entendemos que o acréscimo de despesa com a recuperação do tempo de serviço, raiz de boa parte do descontentamento, é, em menos de uma década, acomodado pelo orçamento de estado.

Por isso vale a pena dar uma prova de respeito por estes profissionais de educação e repor todo o tempo de serviço a que efetivamente têm direito. É que essa poderá ser a diferença entre poder atingir o topo da carreira ou aposentar-se longe do topo e com uma reforma que, no limite, não será suficiente para pagar as despesas do lar da terceira idade...

Está a fazer um ano que se generalizou a descentralização na área da educação. Na prática as autarquias passaram a governar as escolas. Chegam-nos agora relatos de grandes diferenças no desenvolvimento dos processos e das dificuldades que a diversidade das capacidades financeiras e técnicas estão a criar às escolas.

Há limitações na autonomia e nos projetos de escola. Há intervenção política e partidária em alguns casos, ainda que, por vezes, de forma velada ou subliminar. Situações que em nada podem contribuir para a valorização da escola pública.

A Escola deve ser promotora de justiça e equidade, deve ser exemplo para os alunos que nela vão aprendendo a ser cidadãos. Não é possível construir um futuro melhor com escolas nas quais os seus profissionais se sentem desconsiderados, desvalorizados, humilhados. A escola precisa de instrumentos que lhe permitam dar respostas, defender os professores e o exercício da profissão docente.

O Estado não se pode queixar dos seus professores e das Escolas, que sempre deram resposta adequada quando tal foi necessário (na pandemia, por exemplo, ainda a tutela estudava soluções e já as escolas implementavam ensino a distância). Ao contrário, os professores e as Escolas podem queixar-se do Estado e da forma como os desvaloriza e desconsidera.

O caminho que está a ser trilhado, no que diz respeito às reivindicações dos professores, irá agravar a já negativa atratividade da profissão. Desengane-se quem julga que se está a tornar mais apelativa a opção pela carreira docente. Estamos, sim, a assistir à desmobilização, desmotivação e alienação dos excelentes profissionais que temos nas escolas.

Infelizmente, este não parece ser o tempo da escola pública. Também não parece ser o tempo dos professores. A escola pública precisa de um verdadeiro provedor que a proteja e defenda.

Sr. Secretário de Estado!

Senhores Convidados!

Caros Colegas!

Este congresso não é um congresso da Escola Pública. É um congresso de todas as escolas, públicas ou privadas. É um fórum onde todos nos encontramos com o objetivo de conversar sobre a educação e a pedagogia das escolas. Mesmo assim não pude deixar de abordar as muitas angústias que por estes dias se vivem na escola pública. Espero que compreendam.

Em nome da ANDE, tenho que agradecer a todos quantos deram corpo a esta organização, à CM Braga pelo apoio e a todos os que resolveram aqui estar connosco. A vossa presença é sempre muito estimulante e enriquecedora.

Obrigado!

Braga, 4 de março de 2023

Manuel António Pereira